

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Oliver Lodge - Raymond uma prova da sobrevivência da alma

Capítulo VI

É possível a comunicação com os mortos?

“Já é tempo de um estudo das coisas invisíveis, tão sincero e ardente quão o que a Ciência nos familiarizou com os problemas terrestres.

“A Ciência, como se sabe, não fica indiferente ao excepcional, ao catastrófico, ao miraculoso... Seu ideal elevado é a lei cósmica e ela começa a suspeitar que toda lei verdadeiramente cósmica é também, em certo sentido, uma lei da evolução.

“A descoberta da telepatia nos revela a possibilidade de uma comunicação entre todas as formas da vida. E se, como a nossa evidência atual o indica, essas relações telepáticas podem existir entre os espíritos encarnados e desencarnados, essa lei deve ser o centro mesmo da evolução cósmica.

“Nossas idéias concernentes ao que é nobre e ao que não o é na natureza não nos guiaram na descoberta da verdade?

“Aristóteles, por exemplo, crendo que as estrelas fixas eram de natureza divina, por causa de seu afastamento, não teria considerado indigna a suposição de que elas consistem dos mesmos elementos dos seixos que magoavam os seus pés? As almas desencarnadas, como as estrelas, não podem assemelhar-se mais do que temos o hábito de imaginar?” (Fredrich Myers, em *Human Personality*, II, cap. IX).

Espanta-se alguém muitas vezes com os processos da comunicação mediúmica e se pergunta, mesmo se admitindo que tal seja possível, se é legítimo se conversar familiarmente, por não importa qual meio, com aqueles que são geralmente considerados sagrados ou desaparecidos. Eles não o são, na verdade, nem uma coisa nem outra e breve o mundo aceitará esta verdade de um modo racional, melhor para eles e para o mundo. É preciso vencer gradualmente dificuldades conseqüentes de um longo hábito e uma velha tradição, em parte pela experiência, mas antes pela leitura e pelo estudo. Assim, eu me dirijo àqueles que encontram certa dificuldade, talvez mesmo uma objeção religiosa na idéia da comunicação póstuma e que se perguntam seriamente: “É possível falar com os mortos? É possível para eles comunicar-se conosco de uma maneira qualquer?”

Não é possível nenhuma resposta a esta questão por meio de considerações a priori, a menos que seja uma resposta negativa e desdenhosa, baseada em uma consideração muito apressada concernente à significação da pergunta. Se é verdade “que os mortos não sabem nada”, segue-se daí que eles não têm mais existência pessoal e assim não pode ser possível comunicar-se com um ente que não existe, mas isto é raciocinar às escuras. O melhor método de atacar o problema é o de assegurar antes, pela experiência e pela observação, se a comunicação é possível e, em seguida, estabelecido o fato, deduzir que, efetivamente, os mortos sabem muito bem alguma coisa e que eles têm existência pessoal.

A questão se apresenta então assim: “Como é possível comunicar-se com o que quer que seja, por inteligente que for, não se possuindo um instrumento físico ou um órgão para conversão do pensamento em

ação?” Como é possível apreciar o pensamento mesmo?” Uma resposta parcial é dada pela descoberta da telepatia, que parece ser um processo direto de transmissão entre dois Espíritos, mas permanece sempre, que, para uma espécie qualquer de reprodução, de utilização ou transmissão, um processo físico é necessário, que é preciso, afinal de contas, de um mecanismo fisiológico.

É preciso aí um instrumento qualquer, mas não se segue que o instrumento empregado deva necessariamente ser propriedade da inteligência que se comunica. Um músico, privado de seu instrumento favorito, poderia aprender a tocar no de outro. Sem instrumento de qualquer espécie, mesmo que seja uma pena, a sua alma poderia estar cheia de música, mas essa seria silenciosa e incompreendida, ela não poderia jamais ser reproduzida, não poderia mesmo ser escrita, pois um instrumento inferior ou estranho valeria mais do que nada e poderia talvez, uma vez ainda, traduzir qualquer expressão. Ora, os fatos da personalidade múltipla demonstram que, em certas circunstâncias excepcionais, um único corpo humano pode ser utilizado por várias inteligências e não apenas por uma. O dono normal dele, por assim dizer, pode ser às vezes expulso e ter o seu lugar tomado por outros. Eis a imagem e é possível que essa imagem seja mais aproximada da realidade do que se pode pensar. Há certas pessoas cujo valor, no propósito de ampliar a nossa experiência, é bem maior do que o que se sabia até aqui, tudo sacrificando ao permitir a utilização de seu corpo para a transmissão de mensagens a diversas outras pessoas, mensagens recebidas telepaticamente ou por qualquer outro meio de inteligência fora da sua própria.

A sua personalidade parece suspensa. Ela cai em transe durante certo tempo, ao passo que o seu cérebro e o seu corpo permanecem em atividade e mensagens são transmitidas a respeito de fatos antes desconhecidos deles, sem deixar qualquer recordação ulterior na sua memória. A pessoa assim empregada, como mecanismo de transmissão, por uma outra inteligência, chama-se “médium”. Há diversas espécies de mediunidade e esta não está sendo associada a uma inconsciência normal

completa, mas, em todos os casos, parece ser uma variedade sã e útil do que se chama nos casos patológicos de “personalidade múltipla”.

A personalidade secundária, no médium, não é necessariamente importuna ou molesta. Pode ser razoável ou lógica, mas não é a inteligência normal do médium e a camada de memória utilizada não é a mesma. Fatos, então do conhecimento de uma outra pessoa, são revelados e os que eram familiares ao médium são olvidados durante certo tempo. O espírito e a memória, assim atingidos, podem ser algumas vezes os de uma pessoa normal encarnada, mas o corpo material parece uma obstrução pela razão única de que os métodos sensoriais de comunicação nos são bem habituais e familiares. Resulta daí que é verdadeiramente mais fácil para o organismo do médium ser utilizado por uma inteligência desencarnada, isto é, por alguém que já passou pela dissolução ou dissociação material comumente chamada “morte”.

Quaisquer que sejam os outros métodos de comunicação mais elevados que possam existir, inclusive o que se chama inspiração, a utilização corrente das faculdades de um médium é autêntica e muitas pessoas estão familiarizadas com as mensagens assim recebidas. Muitas são relativas a acontecimentos domésticos e desprovidas de qualquer significação pública, mas bem escolhidas para dar uma prova da entidade comunicante. A trivialidade dos incidentes contados não tem nenhuma importância se eles possuem esse caráter de identificação. Os acontecimentos importantes estão longe de serem úteis, visto que pouco podem ser identificados por pertencerem à notoriedade pública. São as coisas triviais e domésticas que fornecem as provas e os traços pessoais tão desejados pelos sobreviventes aflitos. Há muitas espécies de mediunidade. A condição de transe, de que já falei, é uma das mais perfeitas, mas algumas pessoas podem obter a escrita automática ou semiconsciente, deixando apenas a mão escapar-se do controle habitual. Nesse caso, o instrumento é a mão, munida de uma caneta ou um lápis, que é guiada normalmente pelos músculos, enquanto que o sentido da mensagem é ignorado pela inteligência normal da pessoa que dela se serve. Algumas vezes o lápis é fixado em um pedaço de madeira, de modo que o movimento muscular é mais simples e se assemelha menos

ao que é utilizado na escrita ordinária. É o método chamado de “prancheta”.

Algumas vezes essa prancheta é preparada de modo a indicar letras já impressas, em lugar de escritas. Outras vezes utiliza-se um método um pouco mais fastidioso, sempre por um instrumento físico, e a mensagem chega sob a forma de simples sinais, pela repetição do alfabeto soletrado segundo as sacudidelas de uma mesa até a letra designada pelo espírito. O movimento de uma mesa parece ser uma distração antiga e desdenhada antes que um método sério, pareceria antes um jogo, mas com cuidado pode-se obter comunicações claras, mesmo por esse meio. Evidentemente, uma mesa não é senão uma variação grande e volumosa da prancheta, da caneta ou do lápis, que não é, em suma, senão um pedaço de madeira posto em movimento pelos músculos.

Os modos de conversão do pensamento em movimentos físicos são inúmeros e pouco importa ao que dele se utiliza. A mão, a laringe, os músculos do braço, os músculos da garganta, são todos fragmentos de matéria submetidos à influência mental pelo mecanismo do cérebro e dos nervos associados. Como são postos em ação pelo espírito permanece um enigma, mas é impossível negar que são postos em ação. O aspecto bizarro de qualquer comunicação não é que a matéria se mova, segundo um código, para reproduzir o pensamento de um outro espírito, visto tal ser igualmente verdade para a palavra e a escrita. O elemento bizarro dos casos supranormais reside no fato de que o Espírito e o sentido da comunicação são estranhos à pessoa transmissora e característicos de qualquer outra pessoa desejosa de enviar uma informação inteligível ou uma mensagem de conforto e de identificação, servindo-se de órgãos corporais e fisiológicos que se lhe permitem usar momentaneamente.

Permito-me agora indicar qual o gênero de mensagens se pode receber. Algumas se reportam a fatos e experiências no “Além”, gênero de vida, meio, condições, dificuldades, persistência de um interesse em assuntos terrestres, que são, até certo ponto, a razão de ser de tais comunicações. A abundância desses esforços de informações consta de volumes e eles tratam mais do que chamamos de “assuntos não verificáveis”.

Não temos nenhum meio de pôr à prova tais asserções ou de verificar o que há de verdade nessas mensagens, razão por que é preciso considerá-las com prudência. Basta dizer que a informação constante é de que as condições do “Além” se assemelham muito às condições de cá embaixo, que os próprios comunicantes não teriam imaginado. Eles falam de flores e de animais, de pássaros e de livros, de belezas de todas as espécies. Afirmam que não sabem muito mais coisas do que nós, que o seu caráter e a sua personalidade permanecem os mesmos, embora façam progressos, e que não são bruscamente transformados em algo de celestial, muito menos em infernal, que são os mesmos que dantes, com gostos e aptidões similares, porém que estão em situações mais felizes e mais favoráveis, mais libertos das dificuldades que tinham no tempo em que estavam ligados à matéria. Dizem também que as coisas ao seu redor são inteiramente sólidas e substanciais e que são agora as velhas coisas que parecem quiméricas e evanescentes. Assim, apenas se dão conta dos acontecimentos terrestres, salvo quando missões definidas lhes são confiadas para auxiliar os que deles precisam ou quando pensamos neles ou ainda quando fazem esforços espontâneos para chegarem até os que amaram e deixaram na Terra. São grandemente sensíveis à amizade e à afeição e menos tímidos e mais pródigos em exprimir os seus sentimentos que na ocasião em que estavam aqui.

Eles não parecem se achar em uma outra região do espaço, mas estão em relação íntima e associados estreitamente com a sua nova ordem de existência. A mesma faculdade construtiva que, inconsciente durante o seu longo período da evolução, é chamada a constituir o seu antigo organismo visível pelo arranjo de partículas materiais, parece capaz de continuar a sua tarefa sob condições novas e lhes dá um outro corpo ou modo de manifestação, utilizando tal substância que aí se acha disponível e que se pode hipoteticamente supor ser o éter. Essa faculdade construtiva, segundo toda probabilidade, pertence não somente à vida humana e animal, mas a todas as formas da vida orgânica, de tal sorte que o seu meio, por alguns considerados como um mundo etérico, não é necessariamente muito diferente do meio que nos é familiar neste reino da matéria, reino este agora tão real e tão dominador para nós, excitando a nossa mais viva admiração, e no entanto desconhecido de nós em seu

verdadeiro modo de construção. Quaisquer que sejam elas, as primeiras mensagens que nos chegam não são de um caráter descritivo. Elas representam tentativas para nos convencer e não para nos embalar, antes para nos fazer realizar que os nossos chamados desaparecidos estão sempre ativos e vivos e que eles são tão felizes quanto lhes permitimos. A nossa dor lhes faz sofrer, mas, de outro lado, acham a sua nova vida cheia de interesse, de auxílio e de uma espécie de alegria.

As primeiras mensagens são mensagens de afeição. Depois vêm essas pequenas recordações de família que são muitas vezes bem claras e satisfatórias para aqueles a quem são destinadas, embora para os estranhos tenham de tal modo necessidade de explicação que perdem muito de seu interesse. Referências a pequenos nomes, a animais favoritos, a acontecimentos vários, a ligeiros contratempos ou acidentes, todas essas coisas parecem voltar à memória quando se faz um esforço para considerar uma mensagem de identificação espiritual.

Ainda que a transmissão clara e correta dos nomes seja algo difícil para a maior parte dos médiuns e embora a importância dos nomes, como prova, seja facilmente muito apreciada, todavia os nomes são bastas vezes dados espontaneamente, particularmente os nomes de um caráter íntimo e privado. Uma pergunta feita inesperadamente, tal como um pedido de prova estabelecida de antemão, produz confusão na mensagem e perturba a sua nitidez. Todo o mundo deve saber como é fácil aqui na Terra romper a seqüência de nossas idéias. Muita ansiedade por parte do consulente é prejudicial. Calma e paciência são necessárias. As primeiras mensagens, entretanto, são muitas vezes estimuladas por um desejo aparentemente vivo de aliviar os sobreviventes de alguma ansiedade, de alguma suspeita, de algum mal-entendido ou de alguma atribulação que projete uma sombra sobre as suas vidas. Os nossos amigos desaparecidos parecem muito sensíveis a tais coisas e fazem muitas vezes esforços sérios e enérgicos para transmitir uma mensagem reconfortante a uma pessoa que vêm aflita. Como eles conhecem essa aflição pode nos parecer um enigma. Tais coisas são experimentadas por nós, entretanto, de um modo obscuro em nossa própria vida terrestre e elas podem fazer sentir mais vivamente e despertar mais remorsos lá em

cima do que aqui embaixo. Penso que o remorso é uma característica notável do estado mental, incorpóreo, quando justificado. O sentimento pode se aliar ao que nós experimentamos às vezes durante as horas de insônia.

A possibilidade da telepatia, pela qual as impressões mentais de um caráter profundo podem influenciar outros Espíritos, mesmo Espíritos desencarnados, parece provavelmente fornecer um outro meio graças ao qual os sentimentos dessa espécie podem ser hipoteticamente despertados.

Como quer que seja, a percepção dos sentimentos dos sobreviventes é um fato inegável e um dos grandes méritos das comunicações recebidas em tais casos é o alívio e o conforto que eles trazem aos que se acham do outro lado do véu. Nos tempos de tristeza geral, essas mensagens são necessárias e bem numerosas. Elas nos vêm de todas as maneiras. Não é provável que os moços riscados da vida terrena, em plena juventude, estejam em paz se se certificarem de que os que amam se lamentam indevidamente de sua perda e arruinem o que resta de sua vida aqui. Eles podem duvidar de seu poder de penetrar o véu, e muitas vezes duvidam mesmo disto; mas se, com o auxílio de um amigo ou por outro meio qualquer, descobrem tal possibilidade, estão prontos a fazer os seus melhores esforços para despertar naqueles que aqui ficaram um desejo semelhante, a fim de que, de um modo ou outro, cedo ou tarde, uma comunicação (talvez de um caráter muito subjetivo) se estabeleça.

Em meu bem conhecido livro sobre a vida e a morte,¹ dei exemplos de mensagens provando a sobrevivência da entidade pessoal e da memória e explicando o caráter além da morte. Dei exemplos, com efeito, de conversas familiares com meu filho “Raymond” e outros, mas estas últimas deveriam ser tratadas em seu conjunto, pois não seria justo nem honesto escolher extratos delas ao acaso e os mencionar fora de seu contexto. Não é preciso que tais conversas sejam muito freqüentes ou muito persistentes. Uma vez estabelecido que a afeição mútua é persistente, alguns anos de separação podem ser suportados e a tarefa da vida, aqui embaixo ou lá em cima, pode ser cumprida.

A valia e a importância da vida terrena atual são bem reconhecidas pelos nossos amigos do outro lado. Seria uma pobre recompensa para o

privilégio da comunhão ocasional e um falso reconhecimento para com aqueles que, em tão grande número, recentemente levados à morte, com uma abnegação tão nobre, se os nossos lamentos paralisassem as atividades que nos são possíveis no decurso de nossas existências atuais. Em último lugar, pode-se perguntar: se essas outras inteligências existem, por que não as temos sempre conhecido? “Na verdade, muitos sábios as conheceram, estiveram em comunhão com elas e sentiram a sua influência. Também os poetas sentiram a sua inspiração. Entretanto, é motivo de espanto que mesmo aqueles que estão dispostos a admitir sua existência não falem mais das suas atividades, fazendo-nos conhecer a natureza de seu ambiente. A resposta é, primeiro, que já nos contaram mais do que se supõe geralmente e, em segundo, que a coisa não é fácil.

Disponho-me a terminar este capítulo pela seguinte fábula infantil:

O peixe e o pássaro

Um solitário linguado se distraía nadando em direção à margem de um lago escocês. O acaso fez com que a andorinha voejasse perto dele, rasando com seu vôo a superfície d’água. O peixe, embasbacado com essa aparição indistinta, murmurou:

“É verdade! Há seres vivos lá em cima! Sempre pensei que tal fosse possível. Bem que se viram sombras e outros indícios. Os nossos, que nadam livremente, fizeram essa dedução. Mas isto é só fantasia, imaginação. É mais seguro ficar em terra firme. Estamos mais seguros em nosso lodo e nossa areia, o resto é ficção.”

E quando a andorinha passou de novo por cima dele, lhe perguntou:

– Quem é você? Você tem barbatanas?

A andorinha lhe respondeu apenas:

– Não nadamos. Voamos.

E acrescentou, com um bom humor, como se quisesse responder a uma pergunta inexprimida:

– É quase a mesma coisa, só que é mais belo, mais rápido e muito melhor. Temos penas, que você não sabe o que é, planamos acima da

terra e podemos viajar a grandes distâncias. Mesmo os seus melhores nadadores não conhecem a metade do que lhes resta saber.

O peixe permaneceu silencioso e espantado durante certo tempo, mas logo recuperou sua habitual presença de espírito e começou a responder com volubilidade e sem hesitação:

– Isto é extraordinário. Nem podemos acreditar na sua existência. Alguns dos nossos dizem que sabem voar, mas, em todos os casos, só por um pequeno espaço. Eles nos contam que entreviram criaturas durante os seus vôos, mas naturalmente que nenhum de nós acreditou neles. Dizem que, quando estão lá em cima, podem ver ao longe, de modo a prever a passagem dessas conchas sombrias que nos inquietam às vezes, mas muitas vezes se enganaram. Somos de opinião de que o vôo deveria ser suprimido. Não permitiremos que se nos engane.

A andorinha planou um momento, escutando essa confissão, e assim respondeu, lançando um olhar para cima:

– Vocês fazem muito bem em não se deixarem enganar, mas pode ser que não haja apenas uma espécie de engano. Vocês têm medo da ilusão? É que ainda não conhecem todas as glórias da existência.

– E você – disse o linguado, procurando fazer sua cabeça sair fora d'água e sufocando-se com o esforço feito –, conhece tudo, você? É que tudo isto em cima é claro, na sua liberdade transcendente. Conta-me como é, na verdade, o seu mundo.

– Não lhe posso contar direito – respondeu a andorinha –, porque não o entenderá. É algo que se assemelha ao seu mundo, mas é muito mais bonito. Vocês têm belas coisas aí em baixo, se procurarem ou se ouvirem os seus narradores, que lhes falam de pedras brilhantes, plantas marinhas, conchas do mar e mesmo as suas escamas são bonitas, porém nós, nós vemos árvores, flores e frutos, nós...

– Não compreendo o que você está dizendo. – interrompeu o peixe – Que coisas são igrejas, posso saber?

– Ah! Eis algo que ultrapassa o meu saber. – respondeu a andorinha – Há muitas coisas que não conhecemos ainda. Não sabemos porque as igrejas foram construídas. Parecem um pouco com as granjas, mas têm

mais telhados e beiradas, entretanto são diferentes. Parecem representar uma concepção do universo mesmo ainda um pouco mais alto do que o nosso.

– Bem – exclamou o linguado, quando a voz da andorinha se perdia docemente no silêncio –, ela não nos pode dizer bem a que o seu meio se parece, portanto faz especulações a respeito de regiões ainda mais incompreensíveis! Não, tudo isso é muito vago e indefinido! Temos razão em não acreditar em nada além de nossa morada. Se eu contasse aos outros que este peixe voador disse algo de verdade, eles zombariam de mim. E, no entanto, conservo uma lembrança vaga de que, em minha juventude, eu nadava mais livremente... Ai de mim, esses raios de minha mocidade estão extintos: devo contentar-me com a luz ordinária.

Assim dizendo, recomeçou a chafurdar o seu longo caminho até se reinstalar no seu lodo.

A sua experiência, porém, não ficou completamente perdida. Certas vezes não podia deixar de escapar algumas palavras, apesar do desprezo dos seus companheiros, e se sentia verdadeiramente mais feliz, ainda que fosse mais consciente de sua ignorância que dantes. Todavia, continuava a se perguntar ainda porque o pássaro não pudera dar-lhe maiores informações sobre a natureza do mundo de além.

Capítulo VII

Perspectiva. Breve resumo

“E a minha pequena chama de vida desaparecerá nas vossas profundezas e alturas?”

* * *

“Através das portas que vedam o horizonte me chega um raio do que está mais alto.”

(Dos últimos poemas de Tennyson)

Para concluir, lancemos um rápido olhar sobre o terreno já percorrido e encaremos o futuro. As nossas vistas começaram a ampliar-se de todas

as maneiras, elevando-se de sua atenção somente sobre a Terra para a compreensão do mundo infinito de que a nossa Terra é uma porção integral. Penetramos já nos interstícios dos próprios átomos de que a Terra é composta.

Encontramos por toda parte um sistema de lei que governa o imenso e o infinitamente pequeno, não sendo a Terra uma exceção. Começamos a ser forçados a estender a nossa concepção cósmica ao domínio da vida e do Espírito. Procuramos o imperecível, o perfeito, o real, e achamos tais atributos no próprio espaço. É lá, e não na matéria, que está a nossa habitação permanente, lá que achamos o veículo físico que utilizamos agora e que continuaremos a usar sempre. Os nossos corpos materiais se gastam e somos obrigados a deixá-los na terra. Nenhum objeto material é permanente, cedo ou tarde cai em ruínas, mas a alma de uma coisa não se acha na sua aparência material. O lado material de um quadro é a tela e as cores, nada mais poderia ser descoberto pelo microscópio, porém, por um tal exame, não existe nenhum “quadro”; a “alma” ou a significação, a realidade, desaparece desde o instante em que o objeto material foi assim considerado analiticamente. Acontece o mesmo com os nossos corpos. Quando dissecados, são só músculos, nervos, vasos sanguíneos, um mecanismo maravilhoso, mas nenhum exame análogo pode descobrir nele o Espírito.

O Espírito utiliza e domina a matéria. Usa-a para fins de demonstração e execução, emprega-a como um veículo de manifestação, mas é um erro capital identificar o pensamento e a personalidade com qualquer aglomeração de átomos. O cérebro é uma massa mole de matéria, misteriosamente combinada para reagir sob a ação do pensamento, para receber e transmitir impressões, mas o cérebro não passa, não pode ver, nem ouvir, nem imaginar. Tais coisas são devidas só ao Espírito, de que o cérebro é o instrumento. Sem ele e sem a sua coordenação neuromuscular, seríamos impotentes para fazer mover a matéria e, conseqüentemente, impossibilitados de falar, escrever ou de transmitir as nossas impressões e os nossos pensamentos.

O nosso corpo material é um aglomerado de átomos habilmente unidos em uma estrutura maravilhosamente engenhosa e perfeitamente

adaptada. Cada parte dele tem a sua função particular e nós vivemos cá em baixo graças à cooperação e ao funcionamento harmonioso do conjunto. É assim que vivemos na Terra e convivemos com outras pessoas construídas como nós. As partículas que compõem o nosso corpo provêm da união da substância animal e vegetal coordenada pela entidade psíquica interior que se pode chamar vida ou alma, coisa que não pretendemos compreender, mas é aí que se situam o eu, o caráter, a memória, e não no mecanismo.

A orelha não ouve, mas o mecanismo da audição ouve, pois aquela não é senão um mecanismo, como o é o telefone. O olho não vê, do mesmo modo que um aparelho fotográfico não vê. Somos nós acionados por vibrações. Nós interpretamos sensações como uma paisagem, uma obra de arte, um poema ou uma pintura. Quando ouvimos as palavras, o que percebemos não são senão vibrações atmosféricas. Os sentidos dos animais as percebem do mesmo modo, mas eles não têm o Espírito para interpretá-las. Esta faculdade de interpretação é surpreendente. Acabamos de aprender, por certas invenções engenhosas, como interpretar as ondas etéricas para traduzi-las em harmonia e em inteligência. Confundir o nosso ser verdadeiro com o seu instrumento é uma imbecilidade.

A forma mesmo do corpo não depende, em nada, da matéria, como não depende, muito menos, da natureza da nutrição absorvida como os cristais, nutrição que poderia servir igualmente para a formação de um frango ou de um porco. Nenhuma identidade pessoal reside nas partículas, nem no agregado delas. A identidade pessoal pertence à alma, princípio animador e vivificante que agrupa as células e afeta em cada uma delas o seu papel especial.

A célula protoplásmica, passando o sangue durante a digestão, vai a qualquer parte do tecido e, lá, é ela utilizada segundo as suas necessidades. Em certo lugar, ela contribuirá para formar uma unha; em outro para produzir o cabelo, em outros ainda para criar um músculo ou a pele. Feri a pele e ela se refará depressa; cortai um nervo e ele se curará logo. O fato é maravilhoso, ultrapassando completamente a nossa

faculdade consciente. Quem, utilizando só o pensamento, poderia fazer crescer uma unha do pé, um dente ou um cabelo?

Os fatos físicos e químicos podem ser estudados, mas a força interior e imanente que os guia escapa ao nosso saber. Tudo obedece à lei e à ordem. Pode-se formular leis, observações hábeis podem estudar e descrever o processo de sua ação, mas apenas isto. Assim nós poderíamos estudar a estrutura de uma ponte, ou de uma máquina ou de um aparelho de telegrafia sem fio, enquanto que aquele que a imaginou ou criou fica invisível. Identificar a força que anima o veículo, com o veículo material mesmo, é tornar-nos ridículos e fechar os olhos à realidade. Um violão ou um órgão é um instrumento, mas a música pede um músico. Nós mesmos não somos matéria. Utilizamos a matéria e depois a abandonamos. O corpo é o nosso instrumento, que dura certo tempo. Depois é preciso enterrá-lo ou incinerá-lo, pois terminou o seu serviço e doravante as suas partículas podem ser utilizadas por um outro organismo.

Nós mesmos não baixamos nunca à sepultura, mas sim continuamos uma existência ininterrupta. É provável que tenhamos então um outro modo de manifestação e, em certo sentido, um outro corpo, que não é mais dessa matéria, pois o velho corpo material está morto e enterrado e não será nunca ressuscitado por nós. Não há ressurreição de cadáver, uma vez que a vida o deixou completamente; não seria uma ressurreição gloriosa, seria, sim, um milagre bizarro e inexplicável, ou bem um grande horror.

Aqueles que se limitaram a uma visão material da existência, aqueles que fecharam os seus olhos à realidade das coisas espirituais, encaram evidentemente o destino humano de um ponto de vista estreito e terra-a-terra. Eles consideram que a idéia de sobrevivência é um absurdo. Se o cérebro é o Espírito, se toda memória é nele conservada, se só ele é instrumento para a manifestação dos pensamentos e das idéias, ou, por outra, o ser humano real, então, com efeito, somos bem criaturas efêmeras, vivendo alguns anos e retornando em seguida ao pó de onde viemos. Vida fútil, sem continuação, sem significado! Todas as nossas esperanças, toda a nossa fé e o nosso amor, todas as nossas alegrias, as

nossas dores e os nossos sacrifícios são sem nenhum valor, desfeitos e terminados como uma história acabada.

Para semelhantes teóricos, a única noção possível da sobrevivência seria a ressurreição do mecanismo corporal. Tal processo, a justo título, se chamaria necromancia, isto é, uma empresa limitada ao cadáver. Houve uma época em que se acreditava firmemente que os túmulos liberariam os seus mortos, que haveria uma ressurreição geral e que os nossos pobres aglomerados de partículas materiais, usadas e abandonadas, seriam reunidas de novo, para serem ou torturadas ou rejubiladas eternamente. Emancipai-vos de uma superstição tão grosseira!

Onde está a verdade? Contrariamente a tais afirmativas, a verdade é que não estamos destinados a morrer, que não sofremos desgaste, que temos uma existência permanente além da vida do organismo material, herança comum da criação animal, que é o Espírito criador e diretor que constitui verdadeiramente o nosso eu e que este persiste fora dos acidentes que possam sobreviver ao corpo, sensível, entretanto, aos males que possam assaltá-lo. Podemos subir a alturas inexprimíveis e descer a profundezas correspondentes.

O elemento permanente no homem é o caráter – a vontade. É ele que determina o destino do homem. Somos bem superiores ao mecanismo, não somos conduzidos por ele, não corremos sobre trilhos como os trens, não temos leme e somos livres para escolher os nossos caminhos. Muitos dentre nós estamos contentes se podemos evitar os obstáculos e caminhar livremente pela grande estrada, mas outros podem fazer mais. Têm, por assim dizer, asas, podem planar, ao menos durante certo tempo, acima das penas da vida habitual, podem ganhar a liberdade e atingir a beleza, cantar, conhecer a fé e encorajar os homens e partilhar de sua ventura diante da beleza e a majestade do universo do qual começam a entrever a luz.

A perspectiva esplêndida que se apresenta diante da entidade em estado de ver e de compreender tornar-se-á a esperança e a inspiração da raça humana neste planeta. Este planeta Terra é a região das almas que lutam e têm aspirações, mas que estão entravadas, e, no entanto, estão

fortificadas pela sua associação disciplinar com a matéria. O homem, tal como o conhecemos, é um produto recente da evolução que não soube ainda controlar sabiamente o seu invólucro material. Ele se engana gravemente sobre a importância relativa das coisas, mas escritores inspirados lhe asseguraram que podem conseguir a sua salvação só pelos próprios esforços. As sementes da boa vontade já foram lançadas e, quando elas florirem, as gerações futuras herdarão um paraíso terrenal digno do longo trabalho de preparação, de sofrimento e de esforço que foram a obra das primeiras etapas. A Terra será então verdadeiramente um corpo celestial e o Reino do Céu a nossa última recompensa.

O homem não está, até aqui, plenamente desenvolvido, pois que somente alguns dentre eles ultrapassaram os seus companheiros e tempo virá certamente em que todo o mundo poderá receber essa herança. O mal-estar atual é bem um esforço quase cego para conquistar coisas mais elevadas, um sentimento de que este mundo não pode ser tudo, que a instrução e o repouso valem bem uma luta, que existem recompensas ao alcance atual do homem comum. Alguns desses esforços são terrivelmente falsos, o egoísmo perturba os idealistas e o seu sono, porém, mais cedo ou mais tarde, todo esse caos será refeito. A humanidade está no início de sua evolução e ainda resta muito tempo diante de nós. O homem e a sua raça têm diante de si uma perspectiva magnífica e, se almejamos firmemente Justiça e Direito, se procurarmos auxílio e direção certamente iminentes, se buscamos verdadeiramente compreender o que é a significação da existência, pondo as nossas vontades em harmonia com esse esforço sublime, então chegaremos à paz e à idéia de serviço que representam a liberdade completa.

Falo de auxílio e de direção. São realidades que ninguém nos força aceitar, mas serão nossas se as buscarmos. Multidões viveram e lutaram na Terra e elas não desapareceram.

Neste grande universo nada de real desaparece. Esse real pode estender-se além de nosso alcance, mas não deixa de existir. Os próprios átomos parecem ser permanentes. Cada fração de energia é conservada, não há nunca destruição, mas mudanças. Assim tem sido com todos os seres que viveram e sabemos muito bem que alguns deles sofreram para

ajudar a humanidade. Pensais vós que eles não trabalham mais, que agora repousam e que nos abandonaram? Não, nunca! Não estamos sós. Não somos senão uma parte dos seres que lutam por condições melhores. Um grande exército está em atividade, não para destruir, mas para obra de regeneração, de ajuda e de orientação. Ele não abandonou a luta, de que se ocupa sempre, e agora a contempla de um ponto de vista mais elevado e, observando os nossos erros, está sempre pronto a nos estender a sua mão compassiva e amiga.

Tudo isso está, sem dúvida, submetido a um Poder Superior além de nossa imaginação, que trabalha por meio de leis, por meios físicos e com o auxílio de agentes que não podemos conhecer ainda, mas com os quais somos felizes em aprender. O destino de cada indivíduo depende muito de si mesmo. O destino de cada raça depende de nós e daqueles que nos precederam. Somos colaboradores deles. Essa condição mais feliz, que se chama Reino do Céu, é o começo e o fim, e um dia será alcançado na Terra. Poderes imortais trabalham para tal fim. Vontades rebeldes o retardam. O egoísmo a ele se opõe, mas certamente que as Forças do Bem serão mais fortes e terão finalmente a sua vitória.

Esta é uma terra maravilhosa e bela e cada vida terrestre tem, evidentemente, uma importância imensa no plano geral. O nosso grande ideal será realizado. Um dia a humanidade se elevará até as possibilidades que ela começa a entrever. Ela já produziu Platão, Shakespeare, Newton, tais cimos de montanhas que refletem, na aurora, os raios de sol sobre prados e vales e, quando o homem comum atingir tais altitudes, que serão os cimos?

¹ *Raymond*, ou *A Vida e a Morte*.
